

De estádio a arena ou de arena a estádio? Um estudo das percepções dos torcedores de futebol do Rio de Janeiro acerca de seus equipamentos esportivos no período pós-Copa do Mundo de 2014

DOI: 10.12957/irei.2024.91879

Bernardo Buarque¹
Jimmy Medeiros²
Philippe Chaves Guedon³

Resumo

O estudo propõe uma avaliação quantitativa das percepções dos torcedores cariocas acerca dos três principais equipamentos futebolísticos profissionais sediados no Rio de Janeiro. O propósito é avaliar graus de satisfação das arenas contemporâneas em termos de instalações, de acesso e de ambiência, com o objetivo de compreender o cenário do futebol brasileiro, no período que se seguiu aos chamados megaeventos esportivos (2007-2016). Uma vez que as transformações de estádios em arenas suscitaram controvérsias acerca dos seus sentidos positivos e negativos, procura-se inquirir uma sondagem de opinião dos frequentadores atuais desses espaços competitivos, de modo a obter evidências do entendimento de diferentes tipos de torcedores e suas respectivas preferências. As observações de conjunto e a segmentação das respostas – por clube, por estádio e por indicadores sociais – permitem matizar os resultados da aplicação do survey conduzido pelos autores, de sorte que se desconstroem certos estereótipos e visões do senso comum, seja no tocante às controversas torcidas organizadas seja quanto aos usuários dos programas sócio-torcedor, tais como circulam no dia a dia dos comentários esportivos e da cobertura midiática.

Palavras-chaves

futebol; equipamentos esportivos; torcidas; Rio de Janeiro.

¹ Professor Adjunto da Escola de Ciências Sociais, Fundação Getulio Vargas-FGV CPDOC. E-mail: bernardo.buarque@fgv.br. <https://orcid.org/0000-0001-7781-4684>

² Professor Adjunto da Escola de Ciências Sociais, Fundação Getulio Vargas-FGV CPDOC. E-mail: jimmy.medeiros@fgv.br. <https://orcid.org/0000-0002-8280-3338>

³ Pós-Doutorando na Escola de Ciências Sociais, Fundação Getúlio Vargas-FGV, CPDOC. E-mail: philippe.guedon@rio21.org. <https://orcid.org/0000-0003-4221-3306>

From stadiums to arenas or from arenas to stadiums? A Study of Football Fans' Perceptions of Sports Venues in Rio de Janeiro After the 2014 FIFA World Cup

Abstract

This study presents a quantitative evaluation of the perceptions of football fans in Rio de Janeiro regarding the city's three main professional football sports venues. The aim is to assess levels of satisfaction with contemporary arenas in terms of facilities, accessibility and atmosphere, in order to better understand the landscape of Brazilian football in the years following the so-called sports mega-events (2007-2016). Given that the transformations from stadiums into arenas has sparked both positive and negative controversy, this research seeks to survey the opinions of current attendees of these competitive spaces, in order to gather evidence on how different types of supporters perceive and express their preferences. The overall observations and the segmentation of responses – by club, stadium and social indicators – allow for a more nuanced interpretation of the survey conducted by the authors. This, in turn, helps to deconstruct certain stereotypes and common perceptions, whether related to the often controversial organized supporter groups or to users of fan membership programs (*sócio-torcedor*), as these are typically portrayed in everyday sports commentary and media coverage.

Keywords

football; sports venues; fan culture; Rio de Janeiro.

Introdução

O último decênio assistiu a uma guinada na prática e na estruturação do futebol profissional do país. Na esteira da Copa do Mundo FIFA masculina de 2014, bem como de outros torneios internacionais de ponta, a rotinização do calendário esportivo dá-se em meio ao impacto de modificações estruturais significativas aportadas pelos megaeventos. Como se sabe, a mudança mais visível ocorreu no âmbito da arquitetura e da infraestrutura dos estádios, com a criação de mais de uma dezena de arenas à época dos preparativos para o segundo Mundial disputado no Brasil, quase 65 anos depois da edição de 1950.

Vale lembrar que as 12 cidades-sedes do Mundial foram alvo de edificações, tanto equipamentos novos, inteiramente construídos para a competição, a exemplo da Arena Pantanal, da NeoQuímica Arena e da Arena das Dunas, quanto estádios públicos tradicionais, como o Maracanã e o Mineirão, reformados de maneira radical para a hospedagem do evento. Já naquele período, clubes não contemplados como sedes de partidas tiveram a iniciativa própria de mobilizar parcerias privadas para recriar de modo integral suas praças em seus próprios espaços originais, à maneira do Palmeiras, com o Allianz, e do Grêmio, com o Olímpico.

Mais recentemente, clubes em ascensão econômico-financeira vêm replicando tais modelos para edificar novos logradouros futebolísticos, conforme sucedeu com o Atlético-Mineiro e sua Arena MRV, inaugurada em 2023, em bairro com distância de 10 quilômetros do centro de Belo Horizonte. O Flamengo, por seu turno, também sinaliza para projetos ambiciosos no centro antigo do Rio de Janeiro, com impacto em regiões tradicionais da cidade, o que desencadeia acalorados debates urbanísticos e arquitetônicos sobre sua viabilidade, sustentabilidade e pertinência.

Esse cenário em prolongada alteração e dilatada duração na última década nos levou à formulação de uma pesquisa, que foi aplicada em formato on-line durante o período da pandemia Covid-19, em meio à interrupção dos jogos e à interdição parcial dos estádios para o público. O propósito foi apreciar tais modificações na estrutura do futebol de espetáculo à luz de seu principal interessado: o torcedor.

A motivação para a investigação decorre do acompanhamento dos numerosos debates conceituais em torno da conversão de estádios públicos em arenas multiuso e de torcedores em consumidores, o que tem rendido inúmeras controvérsias. O gradiente de opiniões comporta, de um lado, os, por assim dizer, nostálgico-saudosistas, que lamentam a perda de uma aura e de uma suposta essência popular, até os, de outro lado, entusiastas-conformistas do novo modelo, o que vai de par com o encarecimento dos ingressos e, como corolário, com certa gentrificação e certo embranquecimento, digamos assim, do público.

Enquanto os insatisfeitos denunciam os malefícios do “futebol moderno” – exclusão social e “gourmetização” de experiências outrora autênticas –, aqueles satisfeitos com as modificações elencam argumentos ora pragmático-racionalistas da realidade do mundo capitalista ora de reconhecimento do conforto e bem-estar, associados em muitos casos ao provimento de tecnologia de segurança, em especial quando comparados às condições das vetustas e precárias instalações. Estas ocasionaram, mundo afora, desastres e tragédias, tendo a Inglaterra e sua exitosa *Premier League* o epicentro de uma “nova era” de espetacularização (King, 1998).

Tal polaridade estimulou nossa agenda de pesquisa a procurar enfrentar esse debate de maneira menos maniqueísta, impressionista e opinatória, ao elaborar um questionário e a aplicá-lo nos três principais estádios do Rio de Janeiro que vivenciam características distintas entre si: São Januário, de propriedade do Clube de Regatas Vasco da Gama, inaugurado em 1927 e ainda não convertido em arena, apesar da existência de um projeto de remodelamento e arenização em curso para os próximos anos; o Maracanã, estádio público – primeiro municipal, depois estadual – erguido no final dos anos 1940 para a Copa de 1950 e modificado radicalmente nos anos 2010 para o Mundial de 2014, estando hoje sob administração concedida a dois grandes clubes: Flamengo e Fluminense; e o Nilton Santos, arena construída pela Prefeitura do Rio há 20 anos para sediar os Jogos Panamericanos Rio-2007 e desde então sob responsabilidade locatária do clube Botafogo de Futebol e Regatas.

Trata-se, assim, de equipamentos esportivos com historicidades e arquiteturas distintas, mas que servem igualmente às competições profissionais e ao público seguidor desses torneios na contemporaneidade. Propõe-se aqui o acompanhamento dos resultados aplicados e sistematizados por um *survey* conduzido em 2020 junto aos frequentadores botafoguenses, flamenguistas, tricolores e vascaínos, a fim de aferir, de modo agregado e segmentado, o nível de satisfação e fruição dessas praças de desporto, antigas e novas. Dispõe-se, pois, de uma série de quesitos que observam a modernização dos edifícios, as condições de acesso e a ambientação para as torcidas, sejam estas organizadas ou não.

O atingimento desse objetivo segue três passos para sua concretização. Primeiro, recapitulamos o modo como a Academia tem tratado da temática, via de regra com a submissão do assunto ao escrutínio de um conjunto estrutural de mudanças capitalistas que atendem a demandas e anseios de gestores de entidades e organizações nacionais e internacionais, mas que desconsideram tradições e valores comunitários construídos ao longo de décadas.

Um segundo momento do trabalho objetiva mostrar a importância das pesquisas de caráter quantitativo nos estudos sociais do esporte, área ainda com relativa carência de tratamento estatístico, pauta em grande maioria capitaneada por empresas de consultoria, fornecedoras de dados terceirizadas, contratadas por clubes e entidades esportivas, mas também por investidores e por órgãos privados de imprensa e telecomunicação. A justificativa para o estudo quantitativo é contribuir com parâmetros, ainda que exploratórios, para identificar as percepções dos torcedores sobre os estádios pós-2014. A partir dessa metodologia, é possível oferecer indicações sobre a magnitude dos fenômenos e percepções, de modo a qualificar a discussão acadêmica e não acadêmica sobre o tema.

A sequência dessa revisão culmina com a terceira e principal parte. Esta se concentra na apresentação dos dados empíricos obtidos na aplicação dos formulários aos usuários dos três equipamentos em tela. A “experiência torcedora” é examinada em termos de limpeza, de organização e de melhoria nos estádios, bem como dos itens valor do ingresso, conforto e fortalecimento – ou não –, de federações e clubes. A aferição engloba ainda o nível de contentamento com o plano sócio-torcedor, uma realidade posta nessa última década como estratégia de fidelização dos seguidores do clubismo.

A segmentação do questionário compreende também indicadores sociais que apreciam as variáveis de gênero, de escolaridade e de faixa etária. E último, mas não menos importante: o setor de serviços, notadamente a qualidade da alimentação e seus preços, faz da mesma forma parte da apuração na amostragem a seguir apresentada.

Entende-se, com efeito, que a exposição desses resultados traz subsídios comparativos e científicos importantes para a compreensão da frequência a estádios/arenas na atualidade. Sem que se excluam de maneira recíproca, esses diferentes tipos de equipamentos coexistem na cena futebolística contemporânea do Rio de Janeiro e, por extensão, do Brasil dos anos 2020, o que requer atenção continuada.

Revisão da literatura I: contextualização das arenas, de seus críticos e de seus peritos

A realização do Mundial de 2014 no Brasil, conforme já é bem sabido, mobilizou uma série de interesses e discussões por parte da opinião pública, desde seu anúncio em 2007. Vista como oportunidade ímpar pelos discursos oficiais, a Copa demandou inúmeras iniciativas e empreendimentos para atender aos requisitos e às exigências, cada vez mais complexas, do “Caderno de Encargos” da FIFA, organização monopolística que gere desde o início do século XX os torneios futebolísticos em âmbito internacional.

O atendimento a essas demandas, com altíssimos custos financeiros para o país-sede, tal como demonstrado pelo estudo econômico de jornalismo de dados de Rodrigo Lois (2022), foi justificado com a promessa de constituição de um amplo “legado” ao Brasil, seja este social, urbanístico e propriamente esportivo. A terminologia “legado”, alusiva a uma herança material, quando voltada ao esporte, concernia ao provimento de novos equipamentos, capazes de modernizar e de alavancar, em termos tecnológicos, arquitetônicos e financeiros, o futebol do país nos anos subsequentes, elevando-o ou aproximando-o ao patamar dos clubes de grande porte que se concentram nas chamadas *Big-5* (Inglaterra, Alemanha, Espanha, Itália e França) do circuito competitivo europeu.

Ao longo dos preparativos e do processo organizacional do Mundial de 2014, passando pelo teste ocorrido um ano antes, quando da Copa das Confederações de 2013, o Brasil assistiu a uma gama de crises político-econômicas (Alonso, 2023), que se refletiram e foram canalizadas no questionamento à precariedade dos serviços públicos, à corrupção e à exorbitância dos dispêndios governamentais com o torneio geopoliticamente controlado pela FIFA. Os meios de comunicação mais influentes, a exemplo dos jornais *O Globo* e *Folha de São Paulo* (Andrade, 2013), produziram diversas reportagens acerca de atraso no cronograma de obras, sugeriram suspeitas de superfaturamento e emularam ruídos de comunicação entre o governo brasileiro e a entidade controladora do futebol.

Os protestos de massa, na esteira das traumáticas *Jornadas de Junho*, assestaram suas baterias contra políticos e incluíram em sua pauta de sublevação a luta contra os usos instrumentais do futebol por entidades e governos tidos como populistas, usurpadores ou autoritários. No rastro da polarização política, críticas à esquerda e à direita foram formuladas ao chamado “padrão FIFA”, jargão que interpela certo modelo contemporâneo de estádio, a exigir cobertura para proteção do público da chuva e da incidência solar, atomização dos assentos numerados, melhoria da visibilidade nos diversos setores e engenharia de trânsito capaz de operar um fluxo de esvaziamento do estádio em até oito minutos.

Esse tipo de exigência gerou, em contrapartida, um ambiente convulsionado, com certa apreensão mesmo da segurança para a efetivação do megaevento, que pressupunha o deslocamento massivo de milhares de profissionais e de turistas com vistas à participação, assistência e fruição do Mundial.

Ao fim e ao cabo, pode-se dizer que, de modo geral, a Copa transcorreu com níveis organizativos satisfatórios e com incidentes e episódios pontuais que não impediram sua consecução. De todo modo, o tensionamento e a instabilidade acarretaram um ceticismo atinente ao suposto legado justificador do investimento público bilionário na maior parte das arenas erguidas ou reconfiguradas para a Copa. Do ponto de vista da Academia, a maior parte dos estudos partiu de premissas críticas e desconstrutivas de argumentos oficiais para o entendimento das drásticas mudanças operadas no interior dos estádios.

A articulação entre globalização, espetáculo e negócios foi o principal aspecto salientado pelos estudiosos das Ciências Humanas e Sociais, ao sublinhar o horizonte empresarial de mutação da infraestrutura dos estádios e apontar um regime de governança plutocrática do futebol, concentrador e excludente, cujos efeitos fizeram-se sentir com a dita “elitização” e a alteração do perfil social do público frequentador. Em perspectiva diacrônica, os termos da dominância da indústria do entretenimento sobre as manifestações de uma tradicional cultura popular urbana orientaram o contraponto acadêmico entre um antes e um depois da Copa de 2014, como se pode observar nas argumentações de Mascarenhas (2009), Campos (2014) e Damo (2021), entre geógrafos, historiadores e antropólogos consagrados do meio.

Em paralelo às contestações e interpelações negativas trazidas pelo pensamento intelectual brasileiro, é necessário reconhecer a existência de outras abordagens que se materializaram também em publicações sobre o tema. Trata-se de livros com menor circulação e penetração no âmbito universitário, mas não menos importantes para uma compreensão equilibrada do fenômeno mutacional dos estádios em arenas. Referimo-nos à produção de técnicos, isto é, engenheiros e arquitetos envolvidos mais diretamente com as intervenções.

Um exemplo pertinente encontra-se no livro *Arenas do Brasil: arquitetura e engenharia nos estádios brasileiros para a Copa de 2014* (Souza, 2014). Saída no mesmo ano do Mundial, a obra é um portentoso trabalho que detalha, arena a arena, a concepção e o processo de edificação dos estádios. O escrutínio técnico dos planos arquitetônicos e dos personagens e das empresas por trás das obras é de grande valia para o mais adequado entendimento da ambientação do equipamento no entorno urbanístico e na configuração espacial interna, com as particularidades de cada estádio, de cada bairro e de cada cidade em questão.

Assim, para além de uma denúncia ao genérico “padrão FIFA”, capaz de tudo nivelar e descaracterizar, a leitura do trabalho acima revela os bastidores dos grupos empreendedores e de seus escritórios, das empresas e do corpo técnico, nacional e internacional, responsáveis pela modificação radical do paisagismo futebolístico e dos edifícios, no interior e no exterior dos lócus esportivos das cinco macrorregiões do país. No livro, a monumentalidade contida nos ousados projetos é tratada caso a caso, sem generalizações, mediante entrevistas com os autores dos projetos, em termos da estrutura e dos materiais, do conforto térmico, da conservação do gramado, das

exigências de sustentabilidade ambiental, da atenção aos ângulos de visão do conjunto dos espectadores em cada setor das tribunas, do passivo do equipamento existente, entre outros quesitos que resultam em obras muito diferenciadas entre si.

O presente artigo se interessa pelos estádios da cidade do Rio e, nesse sentido, encontramos na supracitada obra um detalhamento do caso do Maracanã, palco da final da Copa de 2014, entre Argentina e Alemanha. A imponência, o simbolismo e a história de seis décadas dessa praça esportiva são incontestes em nível internacional. Soerguido para a primeira edição do Mundial pós-Segunda Guerra mundial, o Estádio Jornalista Mário Filho foi a escolha incontornável da FIFA e do governo brasileiro, em que pesem as memórias nacionais em torno do *Maracanazo*.

O desafio da adaptação às requisições atuais fez com que o cronograma de obras se iniciasse em agosto de 2010, com uma reforma com duração de quase 3 anos, sob a regência do arquiteto Daniel Fernandes, também responsável pela Arena Pernambuco. O cenário mais desafiador e polêmico nesse período disse respeito à manutenção da cobertura, tombada pelo IPHAN, mas cuja marquise encontrava-se deteriorada e requeria demolição integral.

O desgaste para tal interferência em um bem tombado foi enorme àquela altura, conforme se recorda o arquiteto no livro, mesmo ante as evidências do problema estrutural detectado. “O Maracanã acabou” era uma das contestações que mais se ouviu desde então, com muitos jornalistas, acadêmicos e torcedores a lembrar que, à maneira de Wembley, melhor seria a destruição por completo, para seu reerguimento. As tentativas de combinar tradição e modernidade foram alvo de muitas contestações e reprovações por parte da imprensa.

A obra descreve assim as difíceis tomadas de decisão em face das mudanças e continuidades arquitetônicas a empreender sobre o desenho elíptico característico do tradicional estádio. Dá a perceber, por dentro, as vicissitudes e as complexidades do poder de operar transformações estruturais, interna e externamente, sobre uma arena. Mostra de igual maneira as quantias financeiras despendidas do início ao fim do processo, com números e responsáveis, nacionais e estrangeiros, de cada setor das obras. Desenhos e plantas de arquitetura, imagens e fotos dão ademais a medida das soluções adotadas e dos atores envolvidos nas etapas que foram do projeto básico ao executivo.

Se é certo que os acadêmicos e os especialistas desenvolveram o tema a contento, parece-nos, todavia, que a literatura avançou relativamente pouco para além do debate em torno dos modelos, dos conceitos e dos princípios estruturais da mudança de paradigma. A nosso juízo, ainda nos parece preciso avaliar mais amiúde os usos do público torcedor desses estádios, com a observação do modo pelo qual ele de maneira mais concreta se apropria e ressignifica o mesmo à medida que o utiliza. Isso requer, por seu turno, dados quantitativos, evidências factuais e mensurações estatísticas dos frequentadores, já que se trata da afluência de uma massa em deslocamento em equipamentos utilizados em média duas vezes por semana.

Isso posto, continuaremos a proceder a uma revisão do já existente na área, para que possamos, ao final, apresentar os resultados de nossa enquête mais recente sobre o assunto.

Revisão da literatura II: estudos de futebol e métodos quantitativos nas Ciências Sociais

É comum o uso da escassez na justificativa de trabalhos científicos. Os estudos sociais do esporte são useiros e vezeiros nessa espécie de retórica da ausência, em que a falta de pesquisas se soma à caracterização do preconceito acadêmico com o tema do futebol, visto de forma corriqueira como inferior ou de segunda categoria em face dos temas ditos sérios e importantes na tradição e hierarquia de objetos das Ciências Sociais.

Se a apreciação do acúmulo de investigações no meio tende a esse tipo de constatação, e aqui de modo geral não fugimos à regra, há surpresas que, de quando em vez, vêm à tona. Muito já se disse, por exemplo, que a obra de Roberto DaMatta *et al.* é a pioneira na introdução da temática futebolística na Academia, em princípio dos anos 1980. Às vezes mesmo, o livro “Universo do futebol: esporte e sociedade” (1982), organizado pelo antropólogo do Museu Nacional, é descrito pela condição de marco zero, ou seja, o fundador do campo nesses primórdios.

Ocorre que revisitas ao período podem nos surpreender e ir ao encontro de nossas buscas para entabular um cruzamento entre os estudos futebolísticos e a área de métodos quantitativos. É o caso do livro “A loucura do futebol”, da brasilianista Janet Lever, traduzido e publicado em português no ano de 1983, contemporâneo, portanto, da obra de DaMatta. O conhecido interesse dos brasilianistas dos anos 1970 pela história política nacional – talvez o nome mais difundido dessa época seja o de Thomas Skidmore – se alargou no trabalho de Lever, cujo interesse inicial pelo tema foi despertado na esteira das Copas do Mundo de 1966 e 1970. A pesquisadora pôde acompanhar o Mundial de 1970 a partir de uma etnografia *in loco* no México, seguida de visitas de campo ao Brasil e de entrevistas com jogadores, jornalistas, torcedores, entre outras iniciativas metodológicas.

Em sua estada no Rio de Janeiro, essa autora, PhD pela universidade de Yale, desenvolveu seu pós-doutorado e pôde contar com o apoio, entre outros, do cientista político Wanderley Guilherme dos Santos. A leitura, por outro lado, evidencia também uma forte base da antropologia, fruto da interlocução com Howard Becker. O livro *Soccer madness: sport and social integration in Brazil*, tal como publicado no original em inglês pela editora da Universidade de Chicago, nos idos de 1970, traz nos seus apêndices pistas importantes para a gênese dos trabalhos sociológicos estadunidenses com base em estatística e aplicação de formulários também no caso do futebol.

O foco da investigadora incide justamente nos torcedores da cidade do Rio de Janeiro, com entrevistas orientadas por questões objetivas, em um impressionante número total de 100 perguntas diretas, a esquadrihar praticamente todos os aspectos

sociais da vida torcedora em torno da vivência esportiva, em meio à vigência do regime militar (1964-1985).

Já o Apêndice 2 fornece os resultados com as tabulações do que chama de “Indicadores da Torcida”. Nele, há 8 tabelas a mostrar os dados mensuradores da relação entre contato social com amigos, vizinhos e torcida; relacionamento entre audiência televisiva e torcida; relação entre leitura de jornal e torcida, com observância do nível de instrução formal; relacionamento entre religiosidade e torcida, além de cotejar a participação no futebol durante a infância e a vida adulta atual. Por fim, incluem-se estatísticas atinentes às apostas na Loteria Esportiva, surgida no país em 1970, por parte da representatividade dos torcedores entrevistados, e oferece-se uma análise regressiva final da torcida com características de formação, por meio da apresentação de variáveis independentes e constantes, à luz de coeficientes de regressão A e de regressão padronizada.

Poderíamos tratar mais dessa obra precursora e instigante, feita por uma pesquisadora mulher nos Estados Unidos 50 anos atrás, mas nosso objetivo aqui é sublinhar a existência prévia de agendas de pesquisa embasadas em metodologias quantitativas. Não se nega, é certo, que desde então a maioria dos trabalhos, inspirados pela proposta de DaMatta, seguiu uma linha hegemônica de viés culturalista, qualitativa e antropológica, a se centrar na relação entre futebol e identidade nacional. Tal hegemonia perdura por pelo menos duas décadas – anos 1990 e 2000 – e ainda hoje podemos registrar sua dominância na constituição do campo, que deriva de igual maneira da base humanística e teórica da maioria dos cursos de Ciências Humanas, em detrimento de seu caráter aplicado.

A oportunidade da realização da Copa e dos demais megaeventos (Giglio; Machado; Spaggiari, 2016) estimulou, no entanto, a necessidade de buscar indicadores mais precisos do consumo do esporte em sua dimensão quantitativa e aplicada. O próprio governo brasileiro, *player* ativo na atração dos torneios para o país, induziu pesquisas nesse sentido, por intermédio de editais e políticas de fomento de agências como o CNPq, durante os anos que antecederam o Mundial. Tal indução resultou em trabalhos robustos, como o de Ary Rocco e Leandro Mazzei, intitulado “Os estádios e arenas do futebol brasileiro e o legado da Copa do Mundo 2014: o padrão FIFA, o consumidor do esporte e o entretenimento” (2018).

O calhamaço com mais de 900 páginas constitui um relatório técnico exaustivo da totalidade dos equipamentos, baseados em enquête aplicada a mais de 11 mil frequentadores das arenas Copa, com um acompanhamento dos resultados pré-durante-pós-torneio, entre 2013 e 2016. Embora se trate de projeto liderado por autores da área da Educação Física, e não das Ciências Sociais – há, sem embargo, diversos colaboradores desta última – sua proposta tende a aproximar o trabalho teórico do prático, a ciência da gestão do esporte, por meio de um levantamento ancorado nas percepções do público.

A cobertura em nível nacional demandou a montagem de uma equipe com dezenas de pesquisadores – 42, mais precisamente – estabelecidos nas cidades-sedes. A coordenação da empreitada coletiva mostrou-se capaz de parametrizar os casos das 12 instalações envolvidas, em um total de quinze capítulos. O propósito geral do mega-survey é assim descrito pelos coordenadores:

O modelo de pesquisa proposto permitiu uma avaliação das variáveis latentes assim distribuídas: 1. Perfil Demográfico; 2. Perfil Fanográfico; 3. Fatores Psicossociais; e 4. Fatores Externos. Com isso procuramos levantar e compreender como se expressa a decisão do torcedor de ir ou não aos estádios. Como o objetivo deste projeto de pesquisa é também identificar a percepção que os frequentadores dos estádios tiveram das novas arenas concebidas a partir do padrão FIFA, foram selecionados, através do documento da entidade, outros aspectos que interferem no consumo do torcedor e incluídos no instrumento de pesquisa (Rocco Jr.; Mazzei, 2018, p. 19).

A estruturação do capítulo referente ao Maracanã seguiu a disposição dos demais. De autoria de João Malaia e mais 3 pesquisadores, historiciza a cidade-sede, trata da urbe do Rio e da localização de seus estádios, escande os mais importantes na diacronia desde 1919 com o campo das Laranjeiras sendo transformado para o Campeonato Sul-Americano, passa por São Januário (1927) e chega ao descritivo do Estádio Municipal (1950), edificado para a Copa de 1950, e um dos objetos de análise do presente texto. Malaia e seus colegas não deixam, todavia, de mencionar e contextualizar o Estádio Olímpico João Havelange, o “Engenhão”, erigido para os Jogos Panamericanos do Rio de 2007.

Ainda no capítulo, a mobilização do Cadastro Nacional de Estádios de Futebol, segundo fonte oficial da CBF, aporta uma tabela com a listagem de 68 equipamentos futebolísticos no estado do Rio, em que constam nome, apelido, cidade, tipo de propriedade (pública ou privada), capacidade, iluminação e competições de que participa, mapeamento útil e imprescindível a todo e qualquer pesquisador interessado.

Ao tratar da “cidade maravilhosa” e da Copa de 2014, o capítulo descreve as três fases – antes, durante e depois – da aplicação da pesquisa no Maracanã, que abrangeu um tamanho amostral da ordem de 1.007 entrevistados. Antes dos dados propriamente ditos, situa o histórico de “descaso e abandono” dos estádios e relata as reformas estruturais acionadas desde 2000 até culminar nas mudanças radicais para o “novo Maracanã” de 2014, em seu vai-e-vem de gestores e concessionários, em uma miríade um tanto quanto confusa de entes e entidades responsáveis.

O texto, completo e abrangente, termina com os dados empíricos colhidos no levantamento. O formulário contempla diferentes itens, desde o grau de fidelização a clubes de futebol até o tempo de traslado entre origem e destino para chegar ao estádio; o consumo dispendido na semana com produtos esportivos; a opinião sobre estádios como meio de entretenimento aos fatores intervenientes na ida ou não a um jogo. A

amplitude alarga-se também para as questões financeiras do preço dos ingressos, com a aferição do gasto total para a assistência a uma partida.

A continuidade da enquête indaga acerca da avaliação de itens do Caderno para Estádios da FIFA, as condições gerais dos equipamentos e a intenção de retorno no pós-Copa. Há ademais o perfilamento socioeconômico e demográfico do torcedor nas 3 etapas, com questões sobre idade, sexo, local de nascimento, escolaridade e renda familiar. Ao fim da exposição, os autores concluem sobre o Maracanã reformado para o Mundial:

Localizado em uma cidade com forte apelo internacional-global, como o Rio de Janeiro, e abrigando competições de caráter local-nacional-internacional, com boa atração mundial e forte tradição no futebol internacional, o “novo” estádio da capital carioca apresenta forte potencial para ser um estádio moderno, rentável e com elevado índice de ocupação. Basta saber administrar (Rocco Jr.; Mazzei, 2018, p. 668).

Feita essa introdução não exaustiva dos potenciais analíticos para a relação entre métodos quantitativos (Lima, 2017) e estudos sociais do esporte, passemos à parte principal deste artigo, com descrição e comentários dos dados a que chegou nosso próprio *survey*.

Resultados do *survey*: percepções dos torcedores cariocas sobre os estádios no Rio de Janeiro

A presente seção tem o objetivo de debater a percepção dos torcedores de futebol dos grandes clubes cariocas a respeito dos equipamentos esportivos com que o clube do coração dos entrevistados manda os seus jogos de futebol. Assim, a análise será conduzida com toda a amostra, mas também de forma comparativa, ou seja, considerando apenas a percepção de cada grupo torcedor em relação ao estádio do seu clube do coração. Esse recorte comparativo é importante, dado que a avaliação do próprio clube tende a ser sempre mais positiva que o direcionado aos clubes rivais.

O *survey* on-line foi realizado entre abril e julho de 2020 e contou com 321 respostas válidas e, conforme Medeiros e Guedon (2024), “a quantidade de entrevistas obtidas permite que identifiquemos certos padrões e percepções diferenciadas entre torcer e aderir a depender dos clubes”. A pesquisa foi conduzida pelos autores, e o questionário on-line foi postado por ambos em páginas de redes sociais e grupos de aplicativos de mensagens conduzidas por torcedores e dedicadas ao debate sobre os quatro clubes cariocas pesquisados. O questionário foi composto por 40 perguntas e distribuído de forma a alcançar a maior quantidade possível do público desejado.

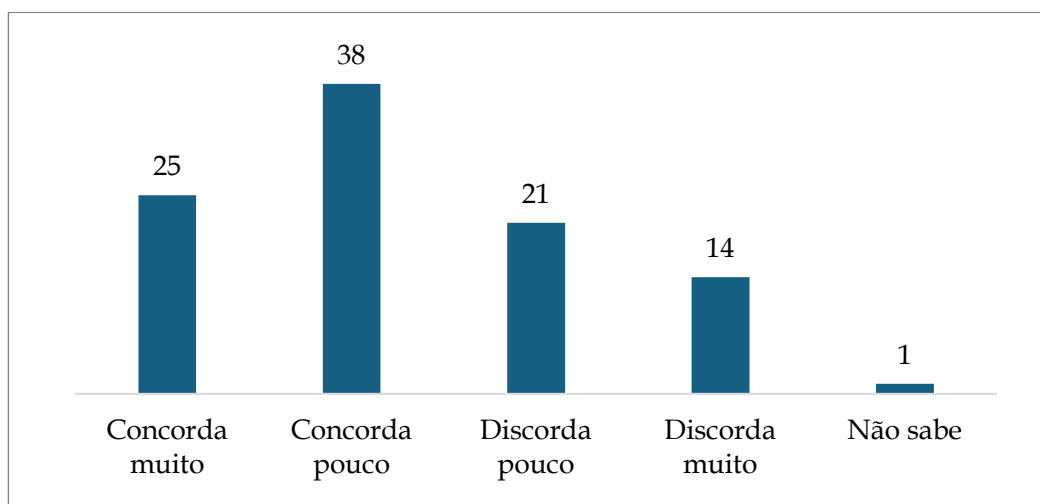
A amostra não probabilística contou com 33% dos respondentes, como torcedores do Clube de Regatas Flamengo e outros 33% de torcedores do Clube de Regatas Vasco da Gama. Além deles, há 18% de torcedores do Fluminense Football Club e mais 15% do

Botafofo de Futebol e Regatas. Os participantes possuem renda média e grau de escolaridade acima da média carioca, conforme apontado pelo IBGE (2010) e ressaltada em Medeiros e Guedon (2024)⁴.

A primeira pergunta do questionário utilizada para mensurar a percepção dos torcedores de futebol dos grandes clubes carioca aborda a ideia da “experiência torcedora” deles nos estádios localizados na capital fluminense. Para isso, os entrevistados foram questionados a indicar o seu grau de concordância e discordância em relação à afirmativa “Os novos estádios são mais limpos, organizados e melhores para a experiência torcedora”. De um modo geral, os entrevistados concordam (63%) mais do que discordam (35%) da afirmativa apresentada, com uma diferença de quase 30 pontos percentuais (Gráfico 1).

Em detalhe, 25% dos entrevistados “concordam muito” e 38% “concordam pouco” com a afirmativa, de modo que essa concordância não tem intensidade tão elevada e merece cautela em sua avaliação, visto que há margem a ser modificada (Gráfico 1). Assim, as dimensões de limpeza, organização, conforto, valores cobrados e ambiente da festa, entre outros aspectos, são relevantes para contemplar a “experiência torcedora”.

Gráfico 1 - Os novos estádios são mais limpos, organizados e melhores para a experiência torcedora (%)



Fonte: Elaborado pelos autores.

Para aprofundar na compreensão da variável acima, nós a relacionamos com o clube que o entrevistado torce, uma vez que os clubes jogam em estádios distintos, portanto, podem ter percepções distintas a respeito do estádio que frequentam e os estádios dos demais clubes rivais. Diversos fatores sentimentais são considerados em diferentes medidas para cada torcedor, para refletir a respeito do estádio em que o seu

⁴ Mais detalhes a respeito do perfil do entrevistado do survey on-line foi detalhado e analisado em artigo anterior por Medeiros e Guedon (2024). Esse tema, inclusive, foi parte da reflexão proposta pelos autores naquele artigo e que também fez uso dos dados do survey presente neste trabalho.

clube do coração costuma jogar. As realidades torcedoras diferem mesmo quando os clubes disputam jogos no mesmo estádio.

Afinal, o Clube de Regatas Vasco da Gama disputa suas partidas em São Januário, equipamento esportivo inaugurado em 21 de abril de 1927, apesar de ter sofrido alguns ajustes arquitetônicos, como colocação de grades dividindo setores das arquibancadas, troca de grade de ferro por uma placa de acrílico de isolamento entre as arquibancadas e o gramado, configurando melhor visão do campo. Todavia, a estrutura física e arquitetônica tombada do estádio foram mantidas. É um estádio histórico e tradicional, se considerarmos que no local o então presidente Getúlio Vargas fazia seus discursos. Foi inaugurado em outra época, quando se valorizavam elementos diferentes do atual. Conforme apontam Mattos e Oliveira (2024), as arquibancadas em cimento e sem cadeiras, as formas em curva e a capela convivendo no mesmo espaço caracterizaram um “estádio-raiz”, como designam pessoas ligadas ao futebol em oposição aos estádios com novos conceitos.

Já o Botafogo de Futebol e Regatas disputa suas partidas no estádio Nilton Santos – conhecido popularmente como Engenhão, por conta do nome do bairro em que está localizado – inaugurado em 30 de junho de 2007 para a disputa dos Jogos Panamericanos daquele ano, sediado na zona norte do Rio de Janeiro. A arquitetura do estádio é moderna e segue o modelo olímpico, com pista de atletismo entre o gramado e as arquibancadas, portanto, não é um equipamento destinado apenas ao futebol. Na prática, poucas provas de atletismo foram disputadas no local, desde a sua inauguração, como o Troféu Brasil de 2022 e os Jogos Olímpicos Rio 2016. Segundo o site oficial do próprio clube⁵, o estádio dispõe de 9 raias de atletismo, salto com vara, dois setores destinados a salto triplo e à distância, salto em altura e pista de dardo. Com grande dimensão e atual capacidade de 44.666 torcedores, o estádio é o segundo maior do Estado do Rio.

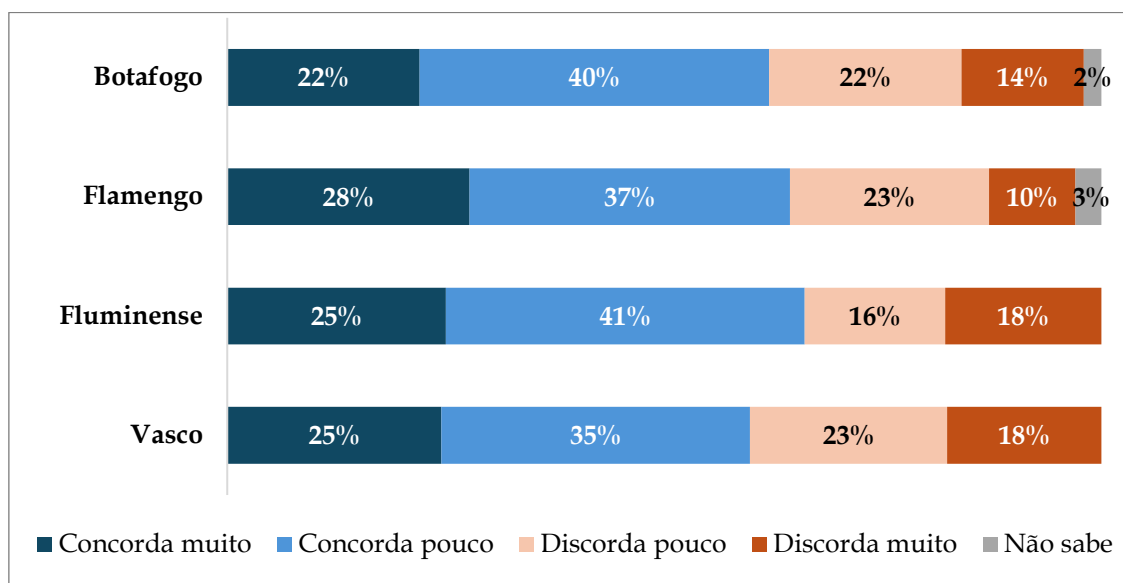
Por fim, o Clube de Regatas Flamengo e o Fluminense Football Club mandam seus jogos no estádio Mario Filho, mais conhecido como Maracanã, por conta do bairro em que está localizado. O estádio foi inaugurado em 16 de junho de 1950 para a Copa do Mundo FIFA daquele ano no Brasil e, desde então, passou por algumas grandes reformas. As mais recentes foram para a realização do campeonato mundial de clubes da FIFA do ano 2000, além dos Jogos Panamericanos Rio 2007, tendo todos os seus lugares com cadeiras, fim do setor da “geral” e configuração mais aseada que os tradicionais estádios de futebol construídos até os anos 1990. Sua capacidade foi reduzida para menos de 100 mil lugares. Por fim, para chegar ao padrão atual, o estádio do Maracanã sofreu uma reformulação intensa para se adequar ao “padrão FIFA” necessário para a Copa do Mundo FIFA de 2014, tendo, por exemplo, a substituição do teto – que era tombado pelo órgão de patrimônio estadual do Rio de Janeiro – e pôs fim

⁵ Informação disponível em: <https://www.botafogo.com.br/nilton-santos-informacoes-tecnicas> Acesso em: 16 maio 2025.

às arquibancadas em dois andares, uma característica do que já foi o maior estádio do país, reduzindo a sua capacidade para menos de 70 mil lugares.

Com isso, a avaliação da experiência torcedora, segundo o clube do coração do entrevistado, é parecida entre os quatro grandes clubes do Rio. Por exemplo, 60% dos vascaínos e 62% dos botafoguenses apontam como avaliação positiva, ao se considerar a soma de “concorda muito” e “concorda pouco” sobre a percepção dos seus estádios. Já tricolores cariocas e flamenguistas somam, respectivamente, 65% e 66% (Gráfico 2). Os valores para os quatro grupos torcedores são próximos e giram em torno da média geral da amostra (63% no Gráfico 1).

Gráfico 2 - Os novos estádios são mais limpos, organizados e melhores para a experiência torcedora pelo clube que torce (%)



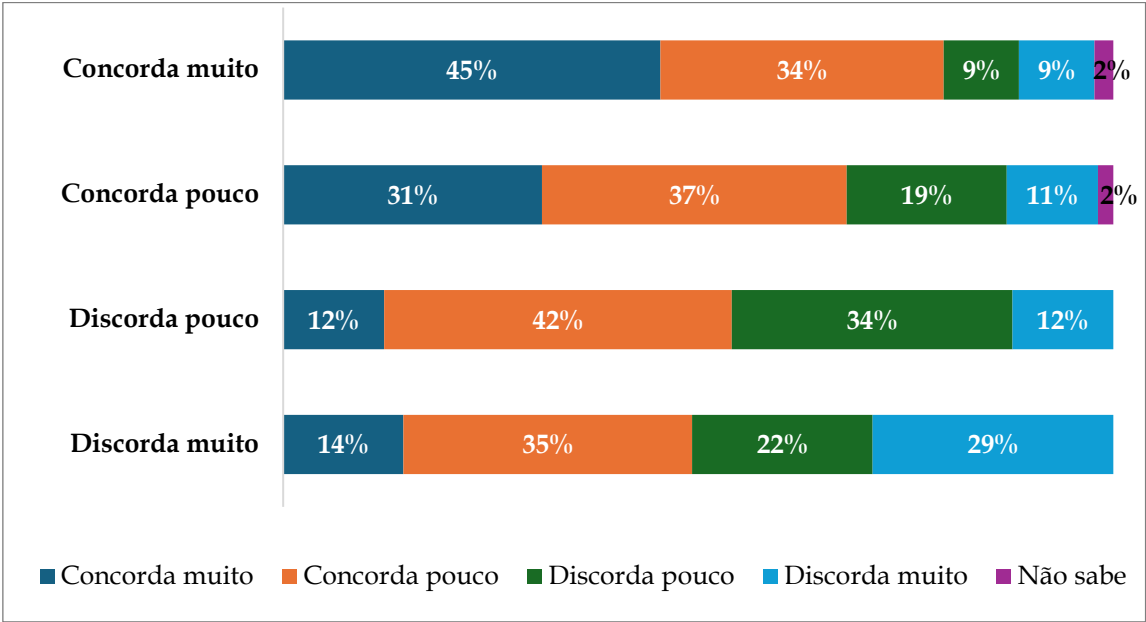
Fonte: Elaborado pelos autores.

Para adensar ainda mais a percepção dos entrevistados a respeito da experiência torcedora, essa avaliação foi comparada com outra variável: o grau de concordância com a afirmativa “O futebol moderno fortalece clubes e federações”, uma *proxy* para a ideia das ações do futebol moderno. Resumidamente, ingressos mais caros, transformação arquitetônica dos estádios em arenas e a dita oferta de maior conforto aos torcedores-consumidores (Medeiros; Guedon, 2024).

De acordo com o Gráfico 3, quanto maior o grau de concordância que o futebol moderno fortalece os clubes e as federações mais o entrevistado concorda que “os novos estádios são mais limpos, organizados e melhores para a experiência torcedora”. Por exemplo, 49% discordam muito com o futebol moderno como elemento fortalecedor dos clubes e federações; 49% concordam com a afirmativa de que os novos estádios favorecem a “experiência torcedora”. Essa proporção sobe para 54% dentre os entrevistados que “discordam pouco” da ideia do futebol moderno. Essa proporção sobe

para 68% dentre os que “concordam pouco”, e há um novo aumento para 79% dentre aqueles que “concordam muito”, indicando uma associação positiva entre ambas as variáveis.

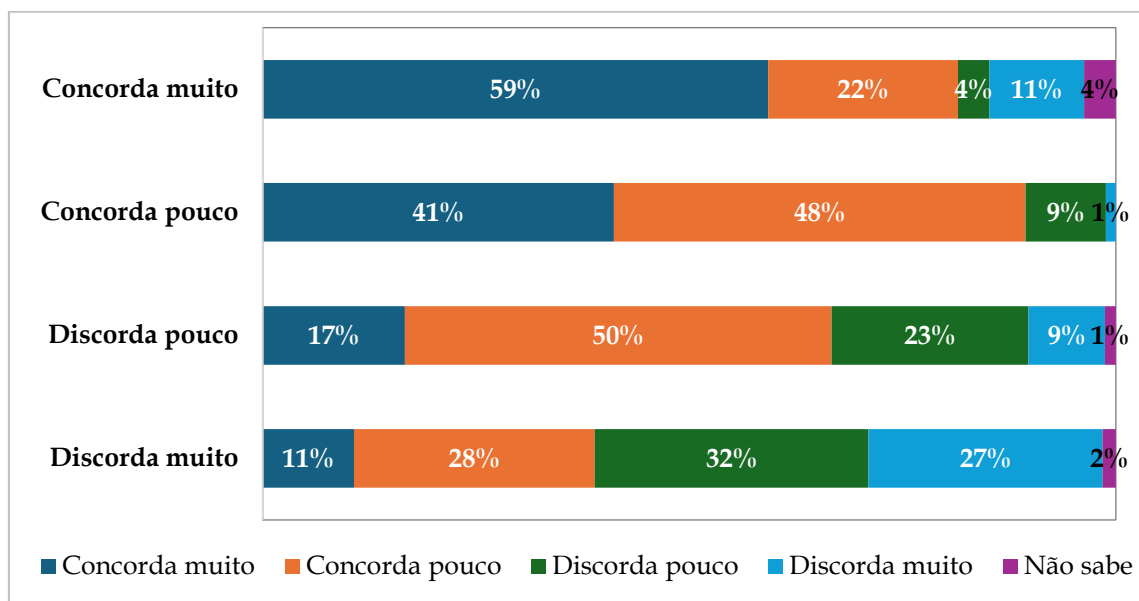
Gráfico 3 - Os novos estádios são mais limpos, organizados e melhores para a experiência torcedora por grau de concordância com a afirmativa “O futebol moderno fortalece clubes e federações” (%)



Fonte: Elaborado pelos autores.

Em uma nova clivagem, a percepção quanto à experiência torcedora é avaliada segundo o grau de concordância com a afirmativa “prefiro pagar ingresso mais caro em estádios para ter mais conforto”, uma nova *proxy* para a aceitação dessa nova faceta do futebol moderno com o processo de “arenização” dos estádios, processo cada vez mais disseminado no Brasil. Assim como no gráfico anterior, a associação é positiva, uma vez que 39% dos entrevistados que “discordam muito” de “prefiro pagar ingresso mais caro em estádios para ter mais conforto” concordam (muito ou pouco) que “os novos estádios são mais limpos, organizados e melhores para a experiência torcedora”. Essa proporção aumenta para 67% dentre os “discordam pouco” e, novamente, aumenta para 89% dentre os que “concordam pouco”. Já os entrevistados que “concordam muito” somam 81% de concordância com a ideia de limpeza e que melhoram a experiência torcedora (Gráfico 4).

Gráfico 4 - Os novos estádios são mais limpos, organizados e melhores para a experiência torcedora por grau de concordância com a afirmativa “Prefiro pagar ingresso mais caro em estádios para ter mais conforto” (%)

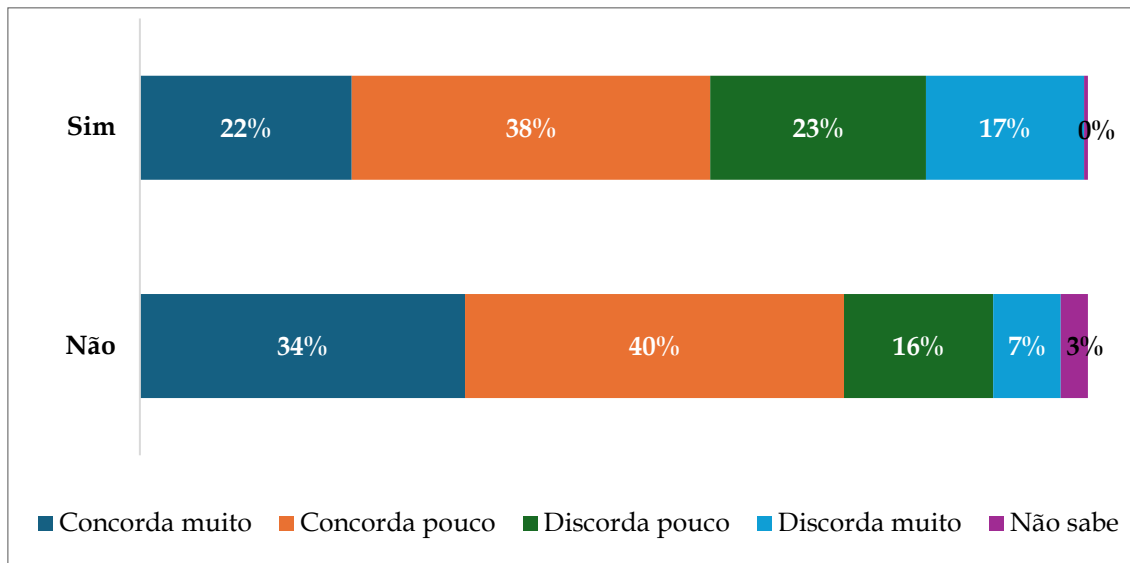


Fonte: Elaborado pelos autores.

Em sequência, o Gráfico 5 apresenta um resultado sob uma perspectiva diferente da esperada. Afinal, os entrevistados com vínculo de fidelidade econômico-torcedora – por meio dos programas chamados “sócio-torcedor”, que pagam mensalidades ao clube do coração – têm menor aceitação da ideia de que estádios mais limpos, organizados são melhores para a experiência torcedora, com 60% dos entrevistados. Dentre os participantes que nunca foram sócios-torcedores, 74% concordam com a afirmativa de que estádios mais limpos, organizados são melhores para a experiência torcedora.

Esse resultado vai na contramão do esperado, dado que a disseminação dos programas sócio-torcedor é uma outra faceta do futebol moderno. Todavia, muitos torcedores frequentes das arquibancadas, além dos torcedores organizados, se filiam a esses programas por conta de vantagens econômicas – o valor do ingresso anual fica mais barato do que adquirir ele no varejo – ou por ser a única opção de conseguir adquirir o ingresso para frequentar jogos de maior procura de público, dado que muitos programas têm mais filiados do que a capacidade do estádio em que o clube manda os seus jogos (Medeiros; Guedon, 2024).

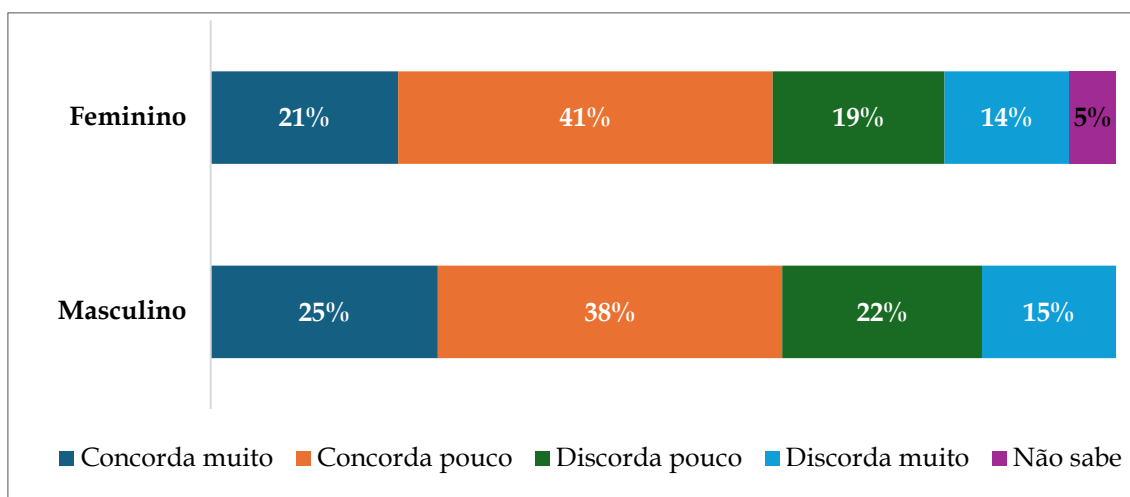
Gráfico 5 - Os novos estádios são mais limpos, organizados e melhores para a experiência torcedora por terem ou porque já tiveram algum plano de sócio-torcedor (%)



Fonte: Elaborado pelos autores.

Assim como o clube do coração dos entrevistados, o sexo declarado pelos participantes da pesquisa não diferenciou a percepção dos entrevistados quanto à dimensão de que “os novos estádios são mais limpos, organizados e melhores para a experiência torcedora” (Gráfico 6). Por exemplo, homens (63% concordam muito e pouco) e mulheres (62% concordam muito e pouco) presentes na amostra percebem a variável de interesse – experiência torcedora – da mesma forma.

Gráfico 6 - Os novos estádios são mais limpos, organizados e melhores para a experiência torcedora por sexo do entrevistado (%)

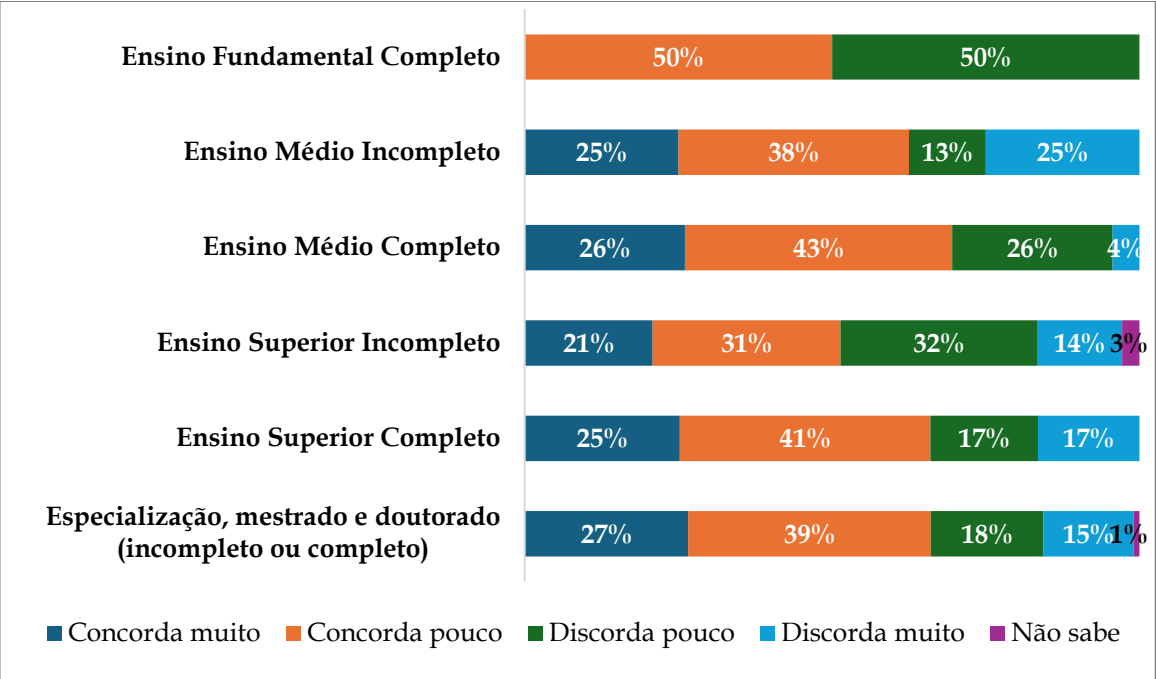


Fonte: Elaborado pelos autores.

A análise da percepção dos aspectos relevantes para a “experiência torcedora”, segundo o grau de escolaridade do entrevistado, tem uma configuração similar à variável anterior, ou seja, não faz tanta diferença, dado que os percentuais dentre os diferentes níveis de escolaridade são parecidos. Por exemplo, 66% dos entrevistados com “ensino superior completo” e “especialização, mestrado e doutorado” concordam com a afirmativa de que estádios mais limpos, organizados são melhores para a experiência torcedora. Dentre os entrevistados com “ensino médio completo”, esse percentual alcança 69% – o maior dentre os diferentes perfis de escolaridade – e dentre os entrevistados com “ensino médio incompleto”, esse percentual é de 63%, portanto, percentual próximo aos dois grupos mencionados (Gráfico 7).

Esse padrão é interessante, pois, no Brasil, o grau de escolaridade representa muitas vezes o perfil de renda do cidadão, ou seja, quanto maior o grau de escolaridade, maior tende a ser a renda do entrevistado (Néri, 2011). Com isso, tanto os entrevistados de elevado grau de escolaridade quanto os de menor grau de escolaridade apresentam proporções próximas de concordância com a variável de interesse do estudo: “experiência torcedora”.

Gráfico 7 - Os novos estádios são mais limpos, organizados e melhores para a experiência torcedora por grau de escolaridade (%)

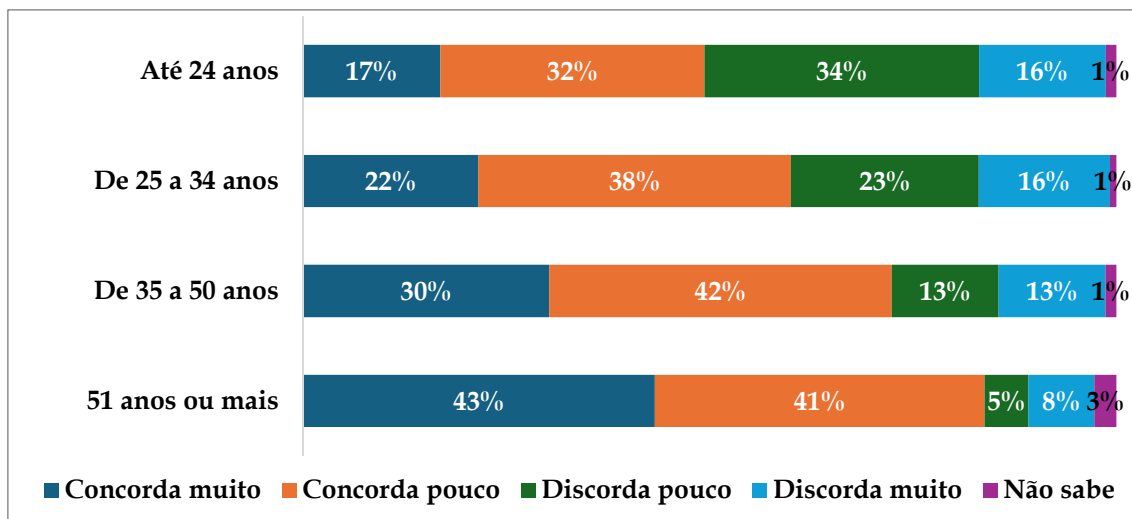


Fonte: Elaborado pelos autores.

No que concerne à idade do entrevistado, o Gráfico 8 aponta que quanto maior a faixa etária, maior é o grau de concordância com a ideia de “os novos estádios são mais limpos, organizados e melhores para a experiência torcedora”. Assim, torcedores mais velhos privilegiam o conforto, a limpeza e a segurança em sua experiência torcedora.

Em detalhe, dentre os entrevistados com até 24 anos, os mais jovens, 49% concordam com a afirmativa, ao passo que dentre “25 e 34 anos” essa proporção sobe para 60%. Na faixa etária acima – entrevistados com idade entre “35 e 50 anos” – o percentual daqueles que concordam sobe para 72%. Por fim, 84% dos participantes da pesquisa com 51 anos ou mais de idade concordam com a afirmativa (Gráfico 8).

Gráfico 8 - Os novos estádios são mais limpos, organizados e melhores para a experiência torcedora por idade do entrevistado (%)

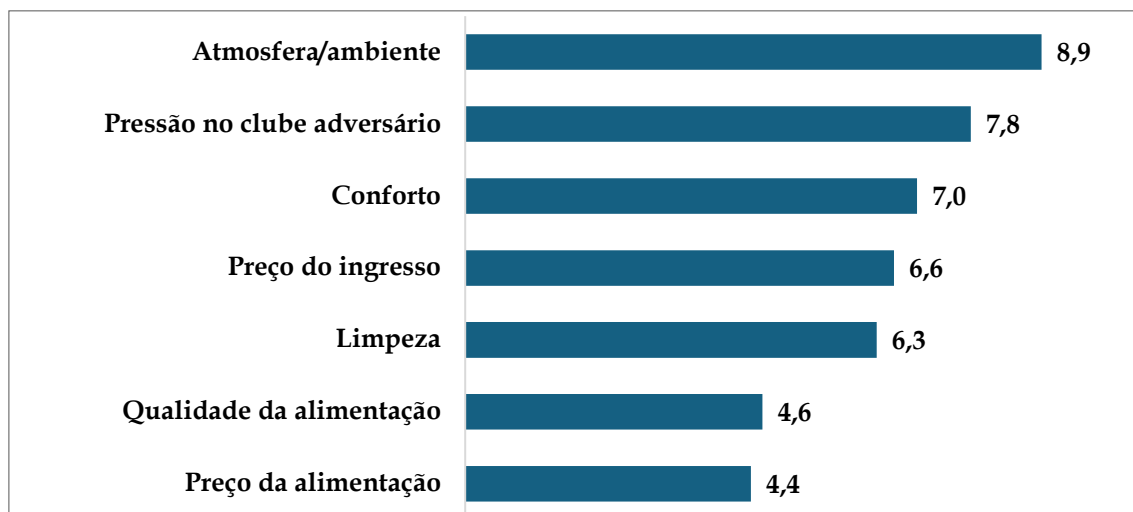


Fonte: Elaborado pelos autores.

Para ampliar a reflexão sobre a percepção dos torcedores entrevistados a respeito dos estádios de futebol dos clubes cariocas, foi solicitada uma nota de 0 a 10 para sete atributos do estádio em que o clube do coração do entrevistado atua como mandante na maioria dos seus jogos. Assim, a “atmosfera/ambiente” obteve a maior nota média, igual a 8,9, e “pressão no clube adversário” foi a segunda média mais alta (7,8). Esses dois atributos abordam aspectos relacionados à atuação dos torcedores durante o evento esportivo (Gráfico 9).

Num segundo degrau, com notas intermediárias, ficaram atributos mais relacionadas à estrutura do estádio, como “conforto” (7,0), “limpeza” (6,3) e “preços do ingresso” (6,6). Por fim, os itens mais criticados pelos entrevistados foram “preço da alimentação” (4,4) e “qualidade da alimentação” (4,6), tendo as menores notas médias, ficando abaixo de 5 pontos do meio da escala, e tratam de serviços relevantes de apoio aos torcedores durante o evento (Gráfico 9).

Gráfico 9 – Nota média de avaliação dos atributos do estádio em que o clube do coração do entrevistado atua como mandante na maioria dos seus jogos (média de nota 0 a 10)



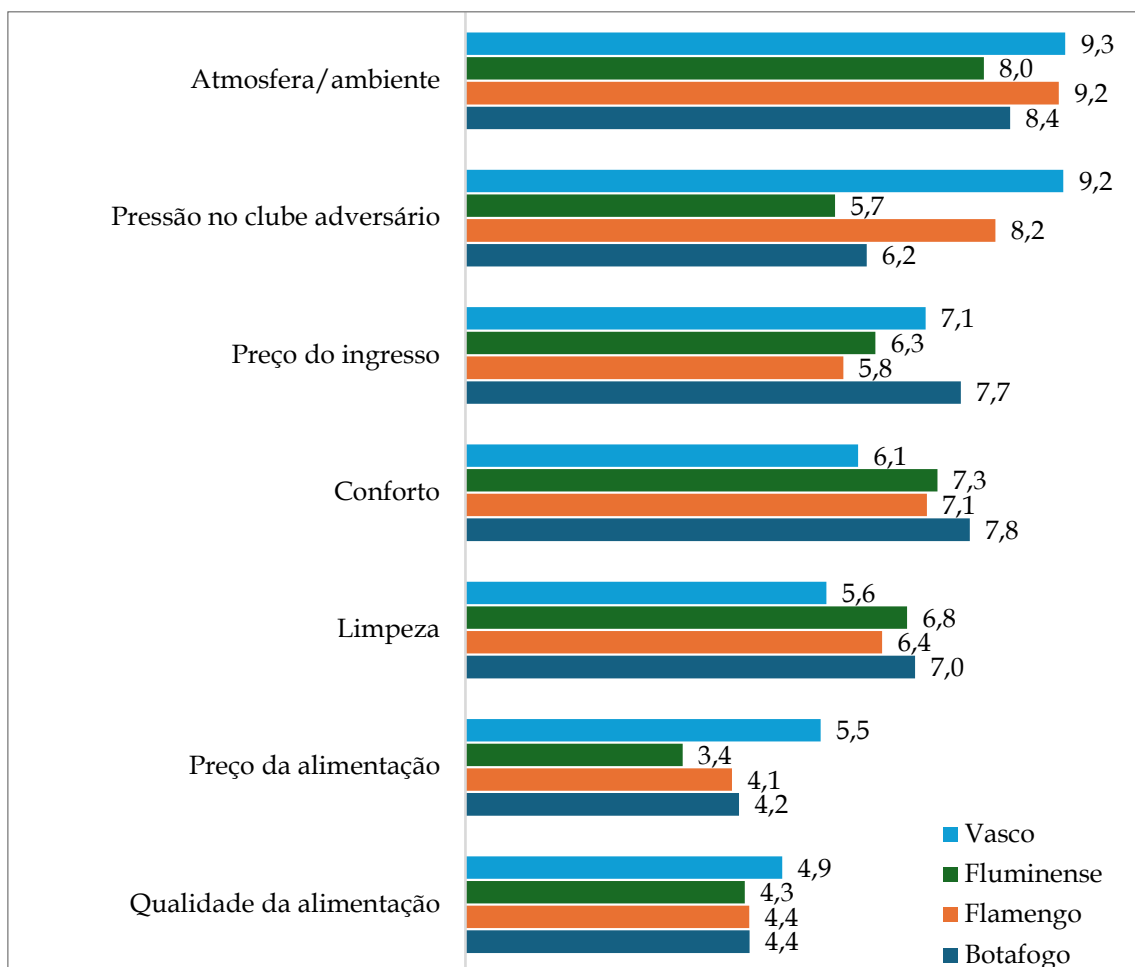
Fonte: Elaborado pelos autores.

Como os entrevistados torcem para clubes diferentes e, portanto, frequentam estádios distintos, podem ter percepções díspares a respeito dos estádios cariocas. Assim, as notas médias sobre os atributos apresentadas no gráfico anterior são analisadas para os quatro grandes clubes de futebol da capital fluminense, de acordo com o Gráfico 10. Essa análise complementar é interessante, uma vez que emergem as diferenças entre os torcedores dos quatro grandes clubes cariocas.

Por exemplo, “preço da alimentação” tem as menores médias entre todos os torcedores, exceto para o torcedor vascaíno. Este usufrui de comércio local e nas ruas em torno do estádio de São Januário. Apesar de ser mais alto que dos demais clubes, o valor médio ainda é baixo, em comparação aos demais atributos. O mesmo ocorre com o atributo “qualidade da alimentação”. Por outro lado, “conforto” e “limpeza” têm notas menores em São Januário, estádio em que o Vasco da Gama manda as suas partidas, se comparado ao Maracanã e ao Nilton Santos, com equipamentos esportivos tidos como mais modernos e com reformas e inaugurações mais recentes, por exemplo (Gráfico 10).

Os atributos de maiores médias – a “atmosfera/ambiente” e “pressão no clube adversário” – são mais bem avaliados pelos torcedores do Vasco da Gama (9,3 e 9,2, respectivamente) e Flamengo (9,2 e 8,2, respectivamente) do que dentre os torcedores de Botafogo (8,4 e 6,2, respectivamente) e Fluminense (8,0 e 5,7, respectivamente). São Januário tem suas arquibancadas muito próximas do gramado e permite que o torcedor valorize esses dois atributos. No entanto, o mais curioso fica por conta da diferença de avaliação entre os torcedores do Flamengo e do Fluminense, dado que disputam seus jogos no mesmo estádio. Todavia, encaram o ambiente e a pressão no Maracanã de formas muito distintas (Gráfico 10).

Gráfico 10 – Nota média de avaliação dos atributos do estádio em que o clube do coração do entrevistado atua como mandante na maioria dos seus jogos, segundo o clube do entrevistado (nota 0 a 10)

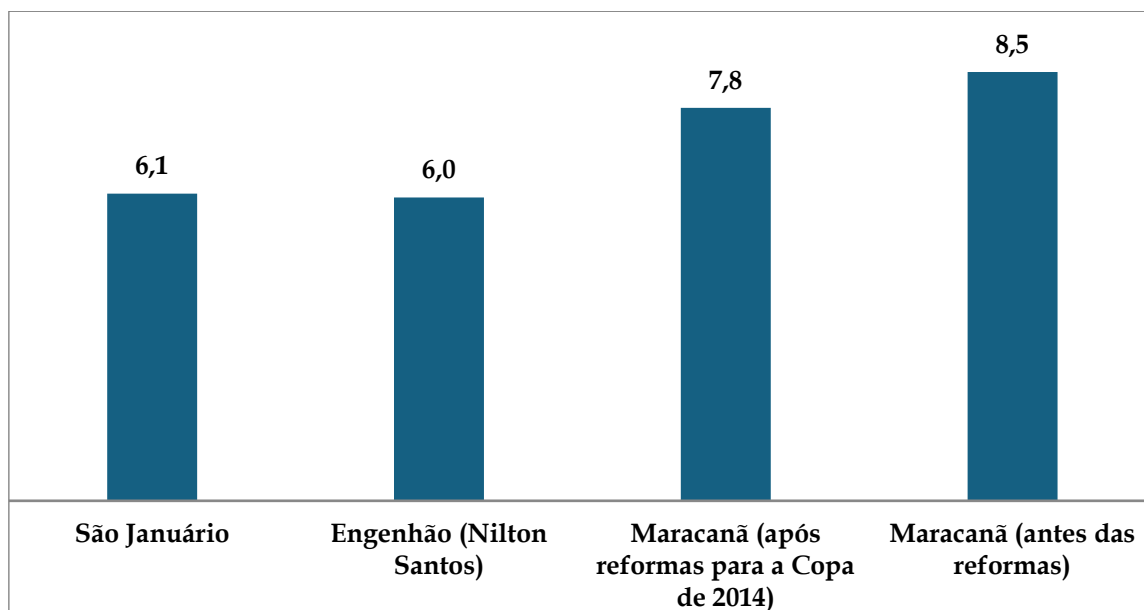


Fonte: Elaborado pelos autores.

Em seguida, de forma mais direta, foi solicitada ao entrevistado uma nota de avaliação dos estádios dos principais clubes do Rio de Janeiro, independentemente do clube do coração do entrevistado. Assim, os torcedores avaliaram tanto o estádio em que seu clube manda os jogos quanto os estádios dos clubes rivais.

Desta forma, Nilton Santos (nota média 6,0) e São Januário (nota média 6,1) tiveram as menores notas, considerando toda a amostra da pesquisa. O Maracanã, em sua configuração atual, obteve nota média igual a 7,8, valor superior ao dos outros dois estádios cariocas. Porém, o Maracanã na modelagem anterior ao das reformas para a Copa do Mundo FIFA 2014 e jogos Panamericanos de 2007 teve nota média ainda maior (8,5), se comparado aos demais equipamentos esportivos (Gráfico 11).

Gráfico 11 – Nota média de avaliação dos estádios dos principais clubes do Rio de Janeiro, considerando todos os entrevistados do *survey* (nota 0 a 10)



Fonte: Elaborado pelos autores.

Para buscar identificar novas clivagens nessa análise das notas atribuídas aos estádios em que os clubes disputam suas partidas, segundo o padrão de filiação aos programas sócio-torcedor, a Tabela 1 reúne as notas média e mediana de avaliação dos estádios dos principais clubes do Rio de Janeiro, considerando somente os entrevistados do clube, comparando notas entre os entrevistados que possuem vínculo ao programa sócio-torcedor do clube e aqueles que não têm o vínculo. Medeiros e Guedon (2020) analisam os motivadores e a percepção dos torcedores a respeito dos programas de fidelização econômico-torcedora e a influência dessa escolha em seus modos de torcer e destacam o sentimento de mais torcedor que os demais, por conta desse compromisso assumido.

Assim, conforme a Tabela 1, São Januário e o Maracanã, antes das reformas que remodelaram o estádio, são mais bem avaliados pelos sócios-torcedores do que dentre os entrevistados que não são filiados aos programas sócio-torcedor. Por outro lado, Nilton Santos e o Maracanã pós-reformas da Copa FIFA 2014 são mais bem avaliados pelos não sócios-torcedores. Conforme Medeiros e Guedon (2024), o sócio-torcedor participante desta pesquisa possui alta escolaridade, tem idade entre 25 e 44 anos e costuma frequentar os jogos dos seus clubes mais de dez vezes ao ano. O esperado, talvez, fosse uma avaliação melhor desse grupo para o Maracanã pós-reforma e o Nilton Santos, por serem equipamentos esportivos tidos como mais modernos e com inauguração mais recente.

Tabela 1 – Diferença entre as notas média e mediana de avaliação dos estádios dos principais clubes do Rio de Janeiro, considerando somente os entrevistados do clube, dentre os entrevistados que possuem vínculo ao programa sócio-torcedor do clube e aqueles que não têm o vínculo (nota 0 a 10)

	Sócio-torcedor		Não sócio-torcedor		Diferença	
	Média	Mediana	Média	Mediana	Média	Mediana
São Januário	6,4	7,0	5,2	6,0	1,1	1,0
Engenhão (Nilton Santos)	5,9	6,0	6,8	7,0	-0,9	-1,0
Maracanã (após reformas para a Copa de 2014)	7,6	8,0	8,4	8,0	-0,8	0,0
Maracanã (antes das reformas)	8,6	9,0	8,1	8,0	0,5	1,0

Fonte: Elaborado pelos autores.

Já a Tabela 2 apresenta a comparação das notas atribuídas aos estádios em que os clubes disputam suas partidas, conforme o padrão de filiação dos torcedores às Torcidas Organizadas (TO). Assim, conforme a Tabela 2, o Maracanã pós-reformas da Copa FIFA 2014 é mais bem avaliado pelos torcedores não filiados às Torcidas Organizadas cariocas, se comparado aos entrevistados que declararam que não fazem parte de TOs.

Por outro lado, os entrevistados membros de torcidas organizadas avaliaram melhor os estádios de São Januário, Nilton Santos e o Maracanã antes das reformas de remodelagem (Tabela 2).

Tabela 2 – Diferença entre as notas média e mediana de avaliação dos estádios dos principais clubes do Rio de Janeiro, considerando somente os entrevistados do clube, dentre os entrevistados que são membros de torcidas organizadas do clube e aqueles que nunca tiveram esse vínculo (nota 0 a 10)

	É membro de TO		Nunca foi membro de TO		Diferença	
	Média	Mediana	Média	Mediana	Média	Mediana
São Januário	6,5	4,0	5,5	3,0	1,0	1,0
Engenhão (Nilton Santos)	6,3	5,5	5,7	4,5	0,6	1,0
Maracanã (após reformas para a Copa de 2014)	7,2	6,0	7,8	7,0	-0,6	-1,0
Maracanã (antes das reformas)	8,4	7,0	8,1	7,0	0,3	0,0

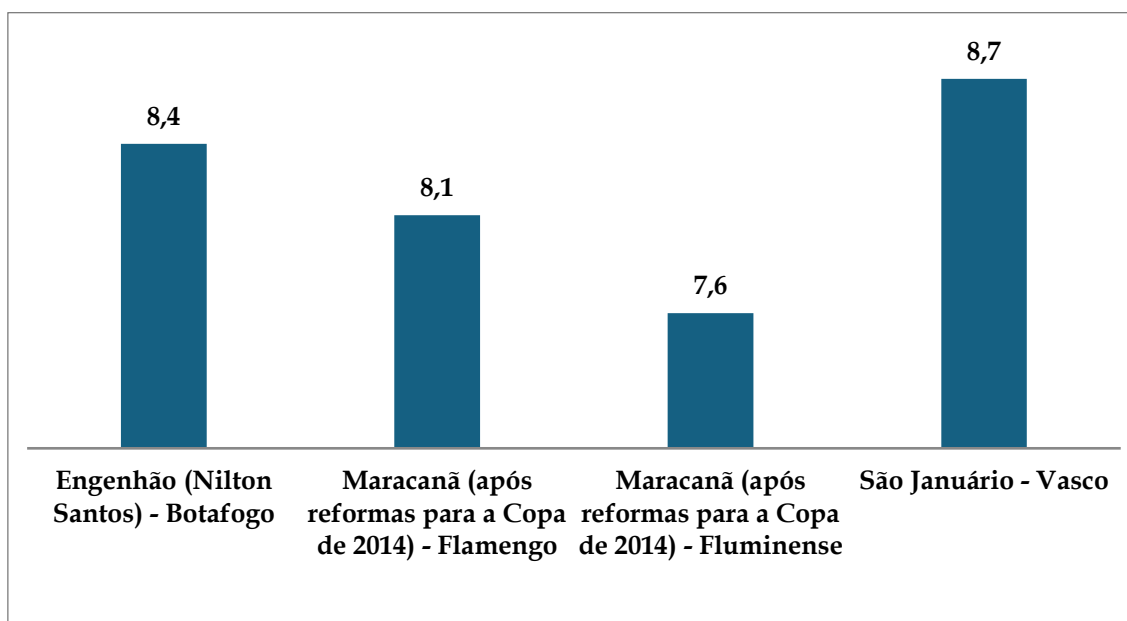
Fonte: Elaborado pelos autores.

Por fim, ao analisar a nota média atribuída a cada estádio do Rio de Janeiro, conforme os torcedores do clube que disputam suas partidas nele, o resultado é diferente do apresentado (Gráfico 12). Ou seja, os valores apresentados no Gráfico 11 são fortemente influenciados pelas avaliações negativas dos torcedores rivais.

Assim, no Gráfico 12, as maiores notas médias são dos estádios São Januário (8,7) e Nilton Santos (8,4), ou seja, possuem as melhores avaliações das suas torcidas. Em seguida, o Maracanã pós-reformas obteve nota média de 8,1 dentre os flamenguistas e 7,6 dentre os tricolores cariocas, reforçando, mais uma vez, o seu tom crítico ao estádio, no momento da presente pesquisa.

O resultado reforça a ideia de valorização e defesa de São Januário pelos torcedores vascaínos, sobretudo pela história vivida no equipamento esportivo e sentimento carinhoso (Mattos; Oliveira, 2024)⁶. Conforme Mascarenhas (2017)⁷, “São Januário representava uma ruptura acentuada com o padrão locacional até então vigente para os estádios brasileiros”.

Gráfico 12 – Nota média de avaliação dos estádios dos principais clubes do Rio de Janeiro, considerando somente os entrevistados do clube (nota 0 a 10)



Fonte: Elaborado pelos autores.

⁶ Fonte: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/Memoria/article/view/25579>

⁷ Fonte: https://ludopedio.org.br/arquibancada/sao-januário-essa-força-estranha/?srsId=AfmBOorrRsp146MmuD0hKL37ILYUbz_DGheM4EKrF68DJsFbKL0cPiPZ

Reflexões e análises à guisa de conclusão

Os dados apresentados no texto são oriundos de um *survey* com torcedores dos quatro grandes clubes cariocas a respeito da sua experiência torcedora e demandou a capacidade analítica dos entrevistados para avaliar o cenário atual a outros momentos e/outras experiências possíveis dentro de um mesmo espaço regional, no caso o Rio de Janeiro. É inequívoca a percepção de que há uma tendência de modernização dos estádios, que é acompanhada por uma intensa discussão sobre os efeitos na experiência de torcer e no perfil daquele que frequenta aquele espaço. Os resultados da pesquisa qualificam essa discussão, de modo a apresentar nuances a depender do contexto em que o clube está inserido, bem como a diferença de percepção a partir das características socioeconômicas dos respondentes.

Os dados apontam para a existência de um perfil que tem se apresentado de maneira mais confortável com a modernização dos estádios: o estádio, com novos parâmetros, tem recepcionado um público que valora, positivamente, organização e limpeza na experiência torcedora. Embora não seja o único público que acessa os estádios e arenas, os dados indicam que há uma associação entre aqueles que têm preferência por pagar mais caro e aqueles que valoram positivamente as características acima. Esse perfil é, em regra, mais escolarizado e com faixas etárias mais avançadas.

Evidente que frequentar o estádio é uma experiência que suscita sentimentos, valores e parte de uma tomada de decisão racional e sentimental. Diante disso, dada a complexidade do fenômeno, os dados são ainda mais importantes, uma vez que apresentam nuances que confirmam uma ideia de elitização e outras que questionam as mudanças como unicamente ou essencialmente positivas.

A leitura dos dados também permite a verificação de diferenças entre os públicos dos quatro principais clubes, sobretudo por conta de que a sua experiência torcedora é atravessada por questões particulares, tais como as torcidas organizadas, a cultura torcedora, o acesso e compra dos ingressos e os programas sócio-torcedor. Nota-se, a título de exemplo, que os torcedores vascaínos, frequentadores de São Januário, valorizam o estádio em relação à atmosfera e pressão. Os torcedores botafoguenses valorizam o preço dos ingressos, tidos como mais acessíveis. Nesse último aspecto, os torcedores do Flamengo são os mais críticos. Os torcedores tricolores citam a limpeza e o conforto da sua experiência torcedora no Maracanã como elementos importantes e que merecem uma maior pontuação.

A partir dessas leituras, o presente texto tem como objetivo suscitar um olhar mais ampliado acerca do fenômeno da modernização dos estádios e da experiência de torcer. Embora o fenômeno seja generalizado, ou em vias de generalização, existem dinâmicas próprias em torcidas, clubes e indivíduos que demandam uma atenção da literatura especializada e da opinião pública, de modo a representar a pluralidade que é o futebol brasileiro e a complexidade do que é torcer e frequentar um estádio de futebol no país.

Referências

- ALONSO, Ângela.
(2013). *Treze: a política de rua de Lula a Dilma*. São Paulo: Companhia das Letras.
- ANDRADE, André Gil Ribeiro de.
(2013). *Mídia, futebol e sociedade: controvérsias públicas midiáticas em torno da escolha do Brasil como sede da Copa do Mundo FIFA 2014*. Niterói: Tese de Doutorado em Antropologia/UFF.
- CAMPOS, Flávio de.
(2014). "Arquitetura da exclusão: apontamentos para a inquietação com o conforto". In: CAMPOS, Flávio de; ALFONSI, Daniela. *Futebol, objeto das ciências humanas*. São Paulo: Leya.
- DaMATTa, RobeÍto; FLORES, Luiz Felipe; GUEDES, Simoni Lahud; VOGEL, Arno.
(1982) *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro, Pinakothke.
- DAMO, Arlei.
(2021). "Dos grounds às arenas: as quatro gerações de estádios brasileiros em perspectiva antropológica". *Revista Museologia e Patrimônio*. Rio de Janeiro: vol. 14, n. 1, p. 216-246.
- GIGLIO, Sérgio; MACHADO, Giancarlo; SPAGGIARI, Enrico (org.).
(2016). *Entre jogos e copas: reflexões de uma década esportiva*. São Paulo: Intermeios.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA.
(2010). *Censo Demográfico 2010*. Rio de Janeiro: IBGE.
- KING, Anthony.
(1998). *The end of terraces: the transformation of English football in the 1990'*. London: Leicester University Press.
- LEVER, Janet.
(1983). *A loucura do futebol*. Rio de Janeiro: Record.
- LIMA, Márcia.
(2017). Introdução aos métodos quantitativos em Ciências Sociais. *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: bloco quantitativo*. São Paulo: Sesc São Paulo/CEBRAP.
- LOIS, Rodrigo.
(2022). *A conta que não fecha: uma investigação sobre os custos da Copa do Mundo FIFA 2014 com técnicas de jornalismo de dados*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em História/FGV CPDOC.
- MASCARENHAS, Gilmar.
(2009). "Globalização e espetáculo: o Brasil dos megaeventos esportivos". In: PRIORE, Mary Del; MELO, Victor Andrade de. *História do esporte no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, p. 505-533.
- MATTOS, Lucas; OLIVEIRA, Márcio.
(2024). Do "mais moderno da América" ao estádio "raiz": O Estádio de São Januário e sua ressignificação. *Revista Memória em Rede*, Pelotas, v.16, n.30.
- MEDEIROS, Jimmy; GUEDON, Philippe.
(2024). *Meandros da fidelização econômico-torcedora: perfis dos consumidores e motivadores do ingresso nos programas sócio-torcedor de clubes cariocas*. FuLiA/UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil, v. 9, n. 1, p. 188-217.
- NÉRI, Marcelo.
(2011). *Desigualdade de Renda na Década*. Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/items/dfa9929b-702c-4990-ae80-896ad79ec302>. Acesso em: 16 maio 2025.
- ROCCO Jr., Ary José; MAZZEI, Leandro Carlos.
(2018). *Os estádios e arenas do futebol brasileiro e o legado da Copa do Mundo 2014: o padrão FIFA, o consumidor do esporte e o entretenimento*. SarapuÍ: OJM Casa Editorial.
- SOUZA, Marcos de et. al.
(2014). *Arenas do Brasil: arquitetura e engenharia nos estádios brasileiros*. São Paulo: Mandarin.

Recebido em
maio de 2025

Aprovado em
julho de 2025